

# CRIANDO DEUSES SUBSTITUTOS

[CREATING SUBSTITUTE GODS]

**SUZI FRANKL SPERBER<sup>1</sup>**

ORCID 0000-0003-2862-394X

Universidade Estadual de Campinas – Campinas, SP, Brasil

**Resumo:** Winston Smith, protagonista do romance *1984*, de George Orwell, menciona “os princípios sagrados do Ingsoc” (acrônimo de “Socialismo Inglês”, ideologia do partido governante no romance *1984*), que são “Novilíngua (sic), duplipensar, mutabilidade do passado”. A nova sacralidade é herética, cruel e deformadora da realidade. Lembra circunstâncias atuais, que declaram que o nazismo foi movimento de extrema esquerda... Pretendo analisar o tipo de pseudo-sacralidade, ou, antes, a sacralização do ódio e a apresentação de deuses substitutos, tais como se apresentam em *1984*, romance de George Orwell, juntamente com suas relações hodiernas.

**Palavras-chave:** *1984*; pseudo-sagrado; deuses substitutos; George Orwell; sagrado

**Abstract:** Winston Smith, protagonist of the novel *1984* by George Orwell, mentions “the sacred principles of Ingsoc” (acronym for “English Socialism”, the ruling party's ideology in the *1984* novel), which are “Novilanguage, double-thinking, the mutability of the past”. The new sacredness is heretical, cruel and deforms reality. It recalls current Brazilian circumstances which declares that Nazism was a party of extreme left ... I intend to analyze the type of pseudo-sacredness, or rather, the sacredness of hatred and the presentation of the substitute gods as they appear in *1984*, George Orwell's novel. And their modern relationships.

**Keywords:** *1984*; pseudo-sacredness; substitute gods; George Orwell; sacred



Quando me propus a redigir o presente texto (em plena pandemia), assustada com as circunstâncias nacionais, considerei fundamental não deixar de pensar no pseudo sagrado tão forte nos anos 2019 a 2021 – sem perder de vista as ideias do guru da instância política máxima do país. Este replicou o que está em *1984*, romance de George Orwell<sup>1</sup>, por considerar as estratégias do *Big Brother* adequadas para um governo que quer camuflar seu autoritarismo, com um sistema judicial encaminhando-se para a sua destruição, uma população que parece desprezar a cultura e até a educação, cujo ideal é um Estado que foi considerado de bem-estar a qualquer preço, a saber, o bem-estar próprio e da família, mas não da população, isto é, não um Estado de bem-estar social moderno<sup>2</sup> (EBES)<sup>3</sup>, como aquele construído inicialmente por Bismarck, na Alemanha. Quais eram, então, as intenções de Bismarck? Evitar que os trabalhadores se rebelassem... Sobretudo. Mas seria um modelo de dignidade universal, que não eliminaria a possibilidade de enriquecimento; apenas diminuiria a miséria quase por completo, com distribuição de recursos e de renda realizada sob regras reforçadas. Existe certa tendência, em Estados de bem-estar social, de que as pessoas se tornem conservadoras. Mas no EBES há consciência de classe. No Brasil prevalece ainda o desejo de “levar vantagem”, o que revela forte individualismo. Segundo Olavo de Carvalho, “um conservador fala em nome da experiência passada acumulada no presente” (CARVALHO, 2011). A partir desta premissa, Olavo de Carvalho mente o passado a seu bel-prazer. Menciona a palavra “socialismo”, afirmando que este sistema foi implementado no passado e que “a experiência nos mostra que é na verdade um passado sangrento com um legado de mais de cem milhões de mortos” (CARVALHO, 2011). Que socialismo foi esse, implantado onde e quando? Olavo de Carvalho reduz e mente a história e a memória estabelecendo um contraponto entre “democracia”, entendida à sua maneira, e uma proposta “revolucionária”, entendida, esta também, à sua maneira, que é a da mentira deslavada.

---

<sup>1</sup> Trata-se de romance distópico publicado em 1949, portanto depois da Segunda Guerra Mundial, da autoria do escritor britânico George Orwell.

<sup>2</sup> “Pelos princípios do Estado de bem-estar social, todo indivíduo tem direito, desde seu nascimento até sua morte, a um conjunto de bens e serviços, que deveriam ter seu fornecimento garantido seja diretamente através do Estado ou indiretamente mediante seu poder de regulamentação sobre a sociedade civil.” (ESTADO DE...)

<sup>3</sup> Usarei esta sigla – EBES - para Estado de bem-estar social.

Cito Carvalho: “No curso dos três últimos séculos não houve um só experimento revolucionário que não resultasse em destruição, morticínio, guerras e miséria generalizada” (CARVALHO, 2011).<sup>4</sup> Estaria ele falando do nazismo? Não, claro, pois este ficou relativamente circunscrito na história, entre 1930 e 1945, sendo que os milhões de mortos a que ele se refere como correspondendo a uma proposta revolucionária equivalem àqueles que morreram durante a Segunda Guerra Mundial, em decorrência do nazismo. Naquele período, houve um total de mortos estimado de 70 a 85 milhões, incluindo os assassinados em campos de concentração. A deformação da História deste tipo de assertiva levou a que o jornalista João Carlos Magalhães escrevesse: “O que Adolf Hitler diria do disparate de que o nazismo ‘é de esquerda’, como afirmam o presidente Jair Bolsonaro, o ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo e o guru do bolsonarismo Olavo de Carvalho? Ele provavelmente iria rir alto” (MAGALHÃES, 2019). Lembremos que o EBES moderno nasceu como alternativa ao liberalismo econômico e ao socialismo. No Brasil houve ações que poderiam levar a um EBES no governo Lula<sup>5</sup>, mas o que viera sendo implementado antes fora o liberalismo econômico, para o qual os poderosos queriam e querem voltar a qualquer custo.

Em 1984, o romance, George Orwell, seu Autor, apresentou a vida social e política transfigurada num país chamado Oceania. Victor Klemperer, autor de *LTI - Lingua Tertii Imperii* (traduzido como *LTI: A linguagem do Terceiro Reich*) que viveu o nazismo em Dresden, onde fora professor universitário de letras neolatinas, mostra o espetáculo bélico, o esteticismo neorromântico e neoclássico e igualmente a vida social e política da Alemanha do período nazista, de 1933 a 1945. Em Berlim desse período, a ideia dos discursos era arrebatam as massas e leva-las a acolher todas as diretrizes dos comandos nazistas, incluindo os preconceitos – e mentiras - veiculados como se fossem verdades.

---

<sup>4</sup> CARVALHO, O. *Princípios de uma política conservadora*, 2011. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/principios-de-uma-politica-conservadora/>. Acesso em: 4 dez. 2020.

<sup>5</sup> Houve providências importantes para um Estado de bem-estar social (EBES), no Brasil, realizadas ao longo de muitos anos. Em certa medida, o salário mínimo, instituído por Getúlio Vargas; o Sistema Único de Saúde, criado pelos constituintes de 1988. “Em 2002 já havia, no Brasil, uma multitude de programas sociais que já beneficiavam cerca de 5 milhões de famílias, através, entre outros, de programas como o Bolsa-escola [implementada em 2001], vinculado ao Ministério da Educação, Auxílio Gás, vinculado ao Ministério de Minas e Energia e o Cartão Alimentação, vinculado ao Ministério da Saúde, cada um desses geridos por administrações burocráticas diferentes. O Programa Bolsa Família consistiu na unificação e ampliação desses programas sociais num único programa social, com cadastro e administração centralizados no Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome” (BOLSA..., s./d.). Tal unificação foi impulsionada por Ruth Cardoso, mas o Programa Bolsa Família, propriamente, foi criado oficialmente em 2004, pelo então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A retórica de Hitler o levou a ser idolatrado (Hanns Kerrl afirmou: “Adolf Hitler... é o verdadeiro Espírito Santo”. LANGER, 2018, p. 54). Portanto, foi um deus substituto. No romance *1984*, o Big Brother não faz grandes discursos para multidões. Há discursos cotidianos emitidos por autofalantes e pelo sistema de teletelas, em que aparece a figura cuja imagem se apresenta em todos os lugares. Esse “*Big Brother is watching you*” – efígie de Hitler, a meu ver – tem bigodes e quarenta e cinco anos (idade de Hitler em 1934). Winston Smith, protagonista de *1984*, menciona “os princípios sagrados do Ingsoc” [acrônimo de **s**ocialismo **i**nglês, ideologia do partido governante em Oceania], que seriam “Novilíngua, duplipensar, a mutabilidade do passado”. A nova sacralidade é herética, cruel e deformadora da realidade. No Brasil dos anos 2020-21 (instigado por Olavo de Carvalho), assistimos à sacralização do ódio, replicando os 5 minutos de ódio instigados na população de Oceania, o país do romance. Vejamos se foram erigidos deuses substitutos em *1984*, na Oceania – e em nossos dias, no Brasil.

No romance, existe a sacralização de diferentes instâncias (os “princípios sagrados” já citados: Novilíngua, duplipensar, mutabilidade do passado). É, por exemplo, a implantação da “verdade” (lembrando que cada religião anuncia a verdade), através dos três lemas do Partido: “Guerra é paz. Liberdade é escravidão. Ignorância é força.” (ORWELL, 2009, p. 4). Há um “Senhor”, entidade máxima, o *Big Brother* – nem fraterno, nem bom. Quatro Ministérios configurariam valores éticos, cujos nomes seriam simpáticos: Ministério da Verdade, da Paz, do Amor e da Fartura<sup>6</sup>. Como o duplipensar deforma a realidade e o passado é mudado permanentemente<sup>7</sup>, valendo apenas a última declaração “oficial”, não há verdade, nem amor (a prática é a do ódio), nem paz (há um permanente estado de guerra), nem fartura: faltam alimentos. Os deuses substitutos seriam a Verdade, a Paz, o Amor e a Fartura, todos eles nomes para algo não só inexistente, como proibido. (São substitutos tanto do sagrado como de deuses). As palavras corresponderiam a “valores”, mas encobrem mentiras. Sua repetição insistente as naturaliza. É algo tão entranhado, que passa a não ser mais identificado. Verdade é o

---

<sup>6</sup> “O Ministério da Verdade se ocupava das notícias, diversões, instrução e belas artes; o Ministério da Paz se ocupava da guerra; o Ministério do Amor mantinha a lei e a ordem; e o Ministério da Fartura acudia às atividades econômicas. Seus nomes, em Novilíngua: Miniver, Minipaz, Miniamo e Minifarto.” (ORWELL, 2009, p. 4). O cinismo da sociedade presidida pelo *Big Brother* é indiciado pelo adjetivo mini, que sinaliza quão diminutas são verdade, paz, fartura – e, sabemos, proibido o amor.

<sup>7</sup> “Era bem simples. Bastava apenas uma série infinda de vitórias sobre a memória. ‘Controle da realidade’, chamava-se. Ou, em Novilíngua, ‘duplipensar’.” (ORWELL, 2009, p. 25)

que é veiculado pela teletela. A guerra também está entranhada, fazendo parte do cotidiano. Ninguém nota que mudam os contendores. Os inimigos de ontem são os amigos de hoje, e inimigos de amanhã. (ORWELL, 2009, p 45). Dar-se conta disto demanda grande esforço e a vida é tão dura, que não há tempo e espaço internos para isto. A máquina da mentira esvazia a capacidade de crítica, abrindo espaço para toda nova inserção de inverdade.

A teletela, instalada em todos os lugares frequentados por Winston Smith (afora cartazes também onipresentes), corresponde ao “olho de deus”, instrumento rebaixado do que deveria apresentar qualidades metafísicas.

Não há deuses em *1984*. Há apenas a sacralização de instrumentos de opressão, tortura, dominação pelo medo, ameaça, falta de liberdade. O grande valor para Winston Smith é o amor – desejável mas proibido – e a consciência de que existe todo o arbítrio que rege a opressão e que beira o absurdo. Quando Winston chega ao fim da vida, interrompida pelas diversas violências sofridas para “limpar-se” de suas ideias e valores, que englobavam liberdade, consciência da história, de passado e de presente, amor, desobediência aos comandos arbitrários e autoritários, rejeição da injustiça, ele se encontra no prédio do Ministério do Amor.

Muita coisa havia mudado nele desde aquele primeiro dia no Ministério do Amor, porém a transformação final, salvadora, não se registrara até aquele momento.

A voz da teletela ainda estava falando de prisioneiros, presa e matança, mas lá fora a gritaria diminuía um pouco. Os garçons tinham voltado ao trabalho. Um deles aproximou-se com a garrafa de gin. Winston, imerso num sonho bem-aventurado, não reparou quando lhe encheram o copo. Já não corria, nem dava vivas. Estava de volta ao Ministério do Amor, tudo perdoado, a alma branca de neve. Estava na tribuna dos réus confessando tudo, implicando todos. Ia andando pelo corredor de ladrilhos brancos, com a impressão de andar ao sol, acompanhado por um guarda armado. Por fim penetrava-lhe o crânio a bala tão esperada.

Levantou a vista para o rosto enorme. Levava quarenta anos para aprender que espécie de sorriso se ocultava sob o bigode negro. Oh mal-entendido cruel e desnecessário! Oh teimoso e voluntário exílio do peito amantíssimo! Duas lágrimas cheirando a gin escorreram de cada lado do nariz. Mas agora estava tudo em paz, tudo ótimo, acabada a luta. Finalmente lograda a vitória sobre si mesmo. Amava o Grande Irmão. (ORWELL, 2009, p. 217.)<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> “Much had changed in him since that first day in the Ministry of Love, but the final, in-dispensable, healing change had never happened, until this moment.

The voice from the telescreen was still pouring forth its tale of prisoners and booty and slaughter, but the shouting outside had died down a little. The waiters were turning back to their work. One of them approached with the gin bottle. Winston, sitting in a blissful dream, paid no attention as his glass was filled

A transformação pela qual Winston Smith passa, o chamado “aperfeiçoamento do ser” (pensaríamos em uma ascese), decorre da violência exercida pelo poder discricionário e dominante sobre o indivíduo. Sua destruição corresponde, no romance, ao ponto de perfeição do ser, e o sujeito, em vez de se encontrar, perde sua vida definitivamente, tendo a ilusão de que “venceu sobre si mesmo”: “*He had won the victory over himself*”. Portanto, aquilo que observamos ao longo da narrativa (a saber, ao longo da vida do protagonista - e de sua subjetividade) é a invisibilização progressiva do indivíduo que ainda resiste, impedido de ter um espaço relacional, o que corresponde, afinal, à sua aniquilação em todos os sentidos, inicialmente aos poucos, culminada com sua morte – violenta. Ele vai da dessubjetivação progressiva ao assassinato. Como o processo ocorre aos poucos, a cada obstáculo, a cada violência sofrida, o sujeito se ilude, acreditando que a perda verificada foi pequena, irrelevante, e que ele terá condições de reagir. Ocorre o desmonte progressivo de si mesmo. Com isso, o leitor aprende (ou tem condições de aprender) que ou existe resistência ao primeiro golpe ou a escalada de agressões será definitivamente destrutiva.

É desconstruída, em 1984, toda a esfera de representação social, de modo que cada sujeito é impedido de ocupar um papel de agente dentro da sociedade. Agente há um só: *Big Brother*, servindo-se dos braços de seus comandados. Os comandados desempenhariam, aparentemente, papéis diferentes de acordo com o ambiente e a situação em que se encontram. Eles não são atores sociais, mas antes robôs com uma função única: a de destruir a subjetividade própria e de quem com eles convive, dobrar sua consciência e vontade. Qualquer ilusão de poder ter protagonismo nessa sociedade, ou mesmo relações como ser independente, autônomo, é severamente punida, passo a passo. O padrão de conduta deverá ser a obediência cega. Não há espaço para exercício de ética e moral: em seu lugar, há o duplipensar, que escamoteia, mescla e confunde, associado ao progressivo e contínuo apagamento do passado. A “profissão” de Winston Smith é, aliás, exatamente essa. A estratégia para o mais perfeito apagamento do passado é uso da

---

up. He was not running or cheering any longer. He was back in the Ministry of Love, with everything forgiven, his soul white as snow. He was in the public dock, confessing everything, implicating everybody. He was walking down the white-tiled corridor, with the feeling of walking in sunlight, and an armed guard at his back. The long-hoped-for bullet was entering his brain.

He gazed up at the enormous face. Forty years it had taken him to learn what kind of smile was hidden beneath the dark moustache. Cruel, needless misunderstanding! O stubborn, self-willed exile from the loving breast! Two gin-scented tears trickled down the sides of his nose. But it was all right, everything was all right, the struggle was finished. He had won the victory over himself. He loved Big Brother.”

novilíngua, a qual, por ser nova e sem relação com a língua tradicional, abafa com maior perfeição a brutalidade da mentira, do controle sobre o passado.

No livro de Victor Klemperer (*LTI: A linguagem do Terceiro Reich*), o autor mostra os ab-usos de uma nova língua inventada adrede, propícia para a mentira e para o desmando do poder, presente nos discursos e projetos abusivos e invasivos de Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda na Alemanha Nazista entre 1933 e 1945. Hoje, pelo mundo, temos não uma língua, mas o discurso das *fake news*, que facilita o endeusamento do(s) poderoso(s), sejam eles políticos, empresários, banqueiros, influenciadores, cooptados e cooptantes. Sobretudo, o endeusamento das mercadorias e do dinheiro. O resultado é a destruição dos direitos dos que acolhem a mentira, de sua subjetividade ou diretamente de suas vidas pela violência decorrente dos preconceitos e pela fome derivada da exploração.

Assim é em *1984*, que apresenta uma figura maximamente dominadora, o *Big Brother* (irmão, e não pai: *Brother*, enfim), cujo princípio totalitário é o abuso absoluto nas relações com os indivíduos que viveriam em Oceania. Não há nenhum deus. Mas quem usou ideias de *1984* para dominar uma população e melhor explorá-la e melhor usufruir da *plus valia*, dos temores, ameaças, violências não só consentidas como também estimuladas e valorizadas foi Steve Bannon<sup>9</sup>. No Brasil, tivemos e temos Olavo de Carvalho, cujas ideias (assim como as de Steve Bannon) foram acolhidas e postas em prática pelo clã Bolsonaro *et caterva*, com o estímulo à grande corrupção, mentida, acobertada, sustentada pela horda de apoiadores que dela se beneficiam, locupletando-se<sup>10</sup>. Tais ideias foram entusiasticamente apoiadas pelos empresários da “fé” (cuja prática é bem anterior e que poderiam ter sido entretecidas nas de Bannon). Sobre os empresários da fé escreveu Lucena em 2011:

No cenário econômico, o empresariado da fé já detém canais de TV, rádio, gravadoras, editoras, escolas, universidades e o capital oriundo do mercado das almas já penetra em todos os poros da sociedade capitalista. No parlamento, os religiosos constituíram uma Bancada Evangélica para fazer *lobby*, cujos interesses escusos estão, inclusive, à revelia

<sup>9</sup> Steve Bannon foi o estrategista chefe da campanha de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos em 2016 e também atuou como conselheiro de líderes de direita e extrema direita de outros países. É criador do grupo *The Movement*, com representantes no mundo todo.

<sup>10</sup> O fenômeno do apagamento da verdade dos fatos no Brasil dos anos 2020 e 21, a saber, dos fatos, é notável. Mesmo estudiosos de ponta estudam o fenômeno da indicação da cloroquina do ponto de vista social e político. Esquecem de comentar que diversos interessados se enriqueceram muito. “De acordo com o Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (Sindusfarma), o faturamento das empresas com o medicamento no ano passado foi de R\$ 91,6 milhões, ante R\$ 55 milhões em 2019 – alta de 66%”. (Valécio)

das reais necessidades das “almas”, não se diferenciando, por exemplo, de uma bancada de ruralistas (latifundiários).

Os executivos da fé utilizam a sua poderosa máquina de propaganda para perseguir politicamente os movimentos sociais (movimento LGBT), desfechando todo seu ódio e homofobia contra os homossexuais. Não tardará o dia em que seus holofotes se voltarão para perseguir os demais oprimidos da sociedade. Lançam mão de grande poder político e econômico para impor seus interesses a toda sociedade. As figuras parlamentares não passam de simples marionetes nas mãos dos “pescadores de almas”.

[...]

Conscientes dos aspectos sociais e econômicos que afligem a população, os empresários de fé, munidos de técnicas psicológicas, lançam discursos esperançosos, sustentando que todos os problemas serão resolvidos de maneira sobrenatural.

Curas, solução para conflitos no lar, dor, cansaço etc., são os artifícios utilizados para convencer, de maneira bastante sedutora, os desavisados que estão apostando em qualquer coisa para resolver seus problemas por meio da fé. A maioria dos discursos segue esta lógica de raciocínio e se aproveitam das mazelas da sociedade para utilizá-las como instrumento no recrutamento daqueles que sofrem. As igrejas crescem apostando na desgraça dos outros e na infelicidade de suas almas para mantê-las aprisionadas na crença de um futuro feliz após a morte.

Materialistas para deus, idealistas para os fiéis.<sup>11</sup> (LUCENA, 2011)

Nossa questão inicial, que aparece já no título do artigo, foi a criação de deuses substitutos – no presente. Estes são iscas atraentes para atrair incautos para a exploração. Os empresários da fé usam e abusam de um deus tão envilecido pelos interesses – e necessidades do grupo de apoio –, tão rebaixado, que já não corresponde ao Senhor ou ao sagrado. É o rebaixamento do panteão divino que cria deuses substitutos – no caso, abusados pelos empresários da fé. O público, os fiéis, estes são capazes de ter uma relação diferente com esse deus rebaixado. Precisam dele para suas almas, espíritos e saúde física e econômica. Existe, nos fiéis, algum nível de elevação. Ainda que a figura divina tenha sido instrumentalizada<sup>12</sup>. A instrumentalização só foi e é possível porque existe um remanescente forte de fé, de busca de verdade e um apelo – ou conexão – verazes com o

---

<sup>11</sup> Estabeleceu-se, no Brasil, chamarem-se as pessoas – desconhecidas - de “amadas”, o que decorre dos cultos evangélicos em que o pastor chama a todos de amados. É a novilíngua em ação no Brasil.

<sup>12</sup> Marx viu a religião como ópio do povo, como “fuga da realidade e das condições inumanas do trabalho”. Nietzsche desmascara a religião como refúgio dos fracos. O objetivo da religião (aparentemente) teria sido o de tornar a fraqueza respeitável, a fim de tornar a vida dos oprimidos um pouco mais suportável. A religião teria sido bem-sucedida no seu intento, ao promover virtudes como a piedade, a diligência, a humildade, a cordialidade, consideradas como a moral dos escravos, dos fracos, dos incapacitados e excluídos. Freud também teria desmascarado a religião, para revelar e discernir o real do aparente. Segundo ele, a religião era vista como fonte de conforto e de esperança para as dificuldades e agruras da vida. A religião seria, em verdade, uma ilusão que apenas expressava o nosso anseio por ter um Deus-pai, um protetor. Segundo Paul Ricoeur, cada um dos três também criou uma arte de interpretar o mundo, a vida, o homem. Portanto, cada um dos três mestres desmascarou uma falsa consciência, uma compreensão falsa da sociedade (ou do texto) na medida em que cada um deles representa três procedimentos convergentes de desmistificação.

sagrado. O abuso, no presente, é dos empresários da fé (mancomunados com o poder instituído). Estes, alimentados pela ganância, poderão ab-usar da palavra, falando de um sagrado que não é vivido por eles. Mas, no ouvinte, o sagrado poderá manifestar-se verdadeiramente, de alguma forma. Sendo assim, diferenciemos religião de sagrado.

William T. Cavanaugh afirmou que

Weber explica a necessidade básica humana de adorar em termos da necessidade de significado, uma necessidade que nos leva inevitavelmente a fazer deuses. [...]. Por outro lado, Marx está convencido de que as pessoas cessarão de fazer deuses após a revolução” (CAVANAUGH, 2020).

Refletindo sobre a citação acima, quem teve razão foi Weber. Que tipo de deus seria esse, dessa necessidade três vezes enunciada na mesma frase? A busca de um Salvador ou a busca de redenção da alma? Ela corresponde ao medo de morrer e ao desejo de ressuscitar ou tem a ver, antes, com um poder mágico de “quebração de galho” das necessidades pessoais? Segundo Nietzsche, não precisamos de Deus. Só precisamos de um *Übermensch* (um Super Homem).

Quando propus a presente reflexão, “criando deuses substitutos”, não sabia que existia todo um longo vídeo chamado “Os deuses substitutos” (MAYER. Cheguei a ele e transcrevo algo do que ali consta: que não precisamos de um salvador, mas que permanentemente as pessoas, por um lado, desejam um salvador para resolver uma série de problemas e desafios de toda ordem e, por outro, disponibilizam-se “salvadores” dispostos a “salvar” as pessoas e ordenar o mundo. Salvadores com a liderança requerida no momento, capazes de libertar e solucionar problemas grandes manifestos na terra – nesta terra – no presente momento... Seriam os super-heróis. O vídeo indica os deuses da Antiguidade como deuses substitutos. Mas coloca os super-heróis do séc. XX como tendo sido construídos a partir de algumas características de deuses egípcios e a partir de uma antinomia simplista e simplória, o contraponto entre Cristo e Satanás. Aliás, como o vídeo é cristão, não aparece a hipótese de um Deus indiferenciado do ponto de vista dos agrupamentos religiosos. Teria que ser um deus cristão, a saber, mais precisamente, teria que ser Cristo. O vídeo propõe que os super-heróis foram construídos ao longo e imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial. Tais super-heróis seriam humanos. Não deuses. Assumiriam um poder e uma força especiais. Mas foram e são endeusados pelos humanos. Neste sentido seriam pseudo deuses, ou deuses substitutos.

Como podemos notar, tais super-heróis descartam todos os valores de alguma forma relativos ao sagrado, inclusive o livre-arbítrio que nos foi adjudicado. Estabelecem uma luta entre duas potências extremas, a do Bem, salvadora dos humanos (nessas circunstâncias, seria o pseudo Bem), e a do Mal, sua destruidora (pseudo Mal). Todo o “sagrado”, toda a ação transformadora, seriam realizados pelos mediadores do Bem e do Mal. Por exemplo, Batman e Coringa. Estes não correspondem a uma manifestação<sup>13</sup> do sagrado (René Girard considera que os deuses arcaicos não são o verdadeiro Deus e tampouco são invenções gratuitas, mas interpretações inexatas, embora necessárias, de violências sociais. Os mediadores – igualmente necessários –, nesses casos, incorporariam o Mal social e precisariam ser sacrificados. Uma vez sacrificados, eles criariam uma relação direta com o sagrado, reestabelecendo, então, uma espécie de pacto considerado como de paz social).

Sim, o sagrado, a saber, o pseudo sagrado, não desapareceu, mas migrou da Igreja para o Estado.

E a criação de deuses substitutos? Esses que estão sendo criados são manipuladores, agressivos, invasivos. Impedem a liberdade humana, ao mesmo tempo que são intervencionistas na vida humana, a pedido direto ou indireto dos humanos. O panteão divino é rebaixado, conspurcando a própria ideia de sagrado e de divino. A doutrina de que Deus criou o homem, ordenou que ele obedecesse à lei moral e prometeu recompensá-lo ou puni-lo por observância ou violação dessa lei fez da realidade da liberdade moral uma questão de importância transcendente. A menos que o homem seja realmente livre, ele não pode ser responsabilizado por suas ações. Daí ser relevante a questão do livre-arbítrio, completamente relegada pelas novas igrejas, pentecostais, e não sei quanto das evangélicas<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> «Les traits du sacré, à mon sens, ne passent pas dans une herméneutique de la proclamation et relèvent de ce que je voudrais appeler une phénoménologie de la manifestation» (RICŒUR, 1974, p. 57).

<sup>14</sup> A salvação é realizada através da combinação de esforços de Deus (que toma a iniciativa) e do homem (que deve responder a essa iniciativa). A resposta do homem é o fator decisivo (determinante) para a salvação. Deus tem providenciado salvação para todos, mas Sua provisão só se torna efetiva (eficaz) para aqueles que, de sua própria e livre vontade, “escolhem” cooperar com Ele e aceitar Sua oferta de graça. No ponto crucial, a vontade do homem desempenha um papel decisivo. É também sobre esse princípio de escolha a afirmação talmúdica que diz: “Quão precioso é o homem por ter sido criado à imagem de D’us”. Isto significa que, diferentemente das outras criaturas vivas, o ser humano recebeu o livre-arbítrio, um presente divino único, que dá ao homem a capacidade de mudar o mundo. Se usado de maneira correta, pode construir um mundo bonito e aperfeiçoá-lo cada vez mais. Se dele fizer uso incorreto, poderá destruí-lo. (LIVRE-ARBÍTRIO)

Estamos em um momento em que o cinismo e o arbítrio – ambos violentos – silenciam, inviabilizam, apagam os esforços dos que usam seu livre-arbítrio para agir segundo leis morais – e éticas. Ou só morais. O sagrado existe nos laços criados, mas não nas pessoas. Os cínicos e arbitrários demonstram seu poder por ações e palavras e, nesse sentido, têm sido acolhidos pelos conservadores timoratos ou gananciosos – de dinheiro e de poder, ou pseudo poder – como para-deuses – ou deuses substitutos. Diferentemente do que pensou Walter Benjamin em seu artigo inacabado “Capitalismo como religião”, não aparece culpa ou desespero nos atuais deuses substitutos, os poderosos de plantão. Os atuais deuses substitutos – meros mortais que se querem mito – conseguem delegar culpa e desespero a seus subordinados, ou asseclas, ou crentes. Eles mesmos consideram-se superiores a culpa e desespero. Riem dos que os seguem e continuam acumulando.

*E pur...* Diz Régis Debray que ele, pessoalmente, tem

A intuição de que há, em algum lugar, entre nós, algo não manipulável, algo como um patrimônio de princípios e de interditos que devemos guardar na memória e transmitir a nossos descendentes, imperativamente, em tempo e em contratempo. (DEBRAY, 2006, p. 21)<sup>15</sup>

Como os fiéis não correspondem exatamente aos empresários da igreja e da fé, há, entre eles, aqueles a quem o sagrado se manifesta. Estes não precisam criar nada, menos ainda deuses substitutos. Os eventuais deuses substitutos que lhes forem apresentados, eles os apreenderão a partir da manifestação do sagrado vivida por eles (eles entendem que vivenciam plenamente o sagrado) e transformarão, de forma instintiva e intuitiva, automaticamente, os deuses substitutos no Deus verdadeiro – para cada um deles.

## Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Le capitalisme comme religion. In: *Fragments philosophiques, politiques, critiques, littéraires*. Editado por Ralph Tiedemann e Hermann

---

<sup>15</sup> «[...] l'intuition qu'il y a quelque part, parmi nous, du non manipulable, quelque chose comme un patrimoine de principes et d'interdits qu'il nous revient de retenir et de transmettre à nos descendants, impérativement, à temps et contretemps.»

Schwepenhäuser. Tradução de Christophe Jouanlanne e Jean-François Poirier. Paris: PUF, 2000. p. 111-113.

BOLSA Família. *Wikipedia*. Online [s./d.]. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Bolsa\\_Fam%C3%ADlia#:~:text=A%20cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20Bolsa%20Fam%C3%ADlia,em%202001%20pelo%20governo%20federal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bolsa_Fam%C3%ADlia#:~:text=A%20cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20Bolsa%20Fam%C3%ADlia,em%202001%20pelo%20governo%20federal)>. Acesso em 4 dez. 2020.

CARVALHO, Olavo de. Princípios de uma política conservadora. *Sapientiam autem non vincit malitia*. *Diário do Comércio*, 27 de junho de 2011. Online. Disponível em: <<https://olavodecarvalho.org/principios-de-uma-politica-conservadora/>>. Acesso em 4 dez. 2020.

CAVANAUGH, William T. Deuses estranhos. A idolatria no século XXI. Tradução de Isaque Gomes Correa. *Instituto Humanitas Unisinos*, 10 jan. 2020. Online. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595491-deuses-estranhos-a-idolatria-no-seculo-XXI>>. Acesso em 7 nov. 2020.

DEBRAY, Régis. Pour une sacralité profane. *Médium*, n. 6, p. 3-22, 2006. ISSN 1771-3757. DOI: 10.3917/mediu.006.0003. Acesso em 5 abr. 2020.

ESTADO DE BEM ESTAR SOCIAL. *Wikipedia*. Online [s./d.]. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado\\_de\\_bem-estar\\_social](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_de_bem-estar_social)>. Acesso em 3 dez. 2020.

KLEMPERER, Victor. *LTI: A linguagem do Terceiro Reich*. Tradução de Miriam Betina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. 424p.

LANGER, Walter C. *A mente de Adolf Hitler*. Tradução Carlos Szlak. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

LIVRE-ARBÍTRIO (Teologia). *Wikipedia*. Online [s./d.]. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Livre-arb%C3%ADtrio\\_\(Teologia\)#Religi%C3%A3o\\_crist%C3%A3](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livre-arb%C3%ADtrio_(Teologia)#Religi%C3%A3o_crist%C3%A3)>. Acesso em 3 dez. 2020.

LUCENA (SOBRINHO), Jodinaldo de. Os empresários da fé e o lucrativo negócio das almas no Brasil. *Recanto das Letras*, Natal, 4 dez. 2011. Online. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/discursos/3372386>>. Acesso em 3 dez. 2020.

MAGALHÃES, J. C. Hitler gargalhava quando o nazismo era confundido com a esquerda. *The Intercept*, 4 abr. 2019. Online. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/04/03/hitler-nazismo-esquerda/?comments=1>>. Acesso em 5 abr. 2020.

MAYER, Scotty. *Deuses substitutos*. Vídeo. Disponível em: <[https://www.terceiroanjo.com/video\\_br/03-deuses-substitutos](https://www.terceiroanjo.com/video_br/03-deuses-substitutos)>. Acesso em 25 nov. 2020.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RICOEUR, Paul. Manifestation et proclamation. In: CASTELLI, E. (dir.). *Le sacré - Études et recherches*. Paris: Aubier-Montaigne, 1974. p. 57-76.

VALÉCIO, Marcelo de. Fabricantes não recomendam cloroquina para covid-19. Online. Disponível em: <<https://www.ictq.com.br/industria-farmaceutica/2669-fabricantes-nao-recomendam-cloroquina-para-covid-19>>. Acesso em 4 dez. 2020.

*Recebido em 01/03/2021*

*Aceito em 16/04/2021*

---

<sup>i</sup> **Suzi Frankl Sperber**, livre docente e titular, é professora colaboradora do IEL e do IA da Universidade Estadual de Campinas. Foi coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - LUME por treze anos. Livros: *Caos e Cosmos*; *Signo e sentimento*; *Identidade e Alteridade*; *Presença do sagrado na literatura (org.)*; *Teoria literária e hermenêutica ricœuriana (org.)*; *Ficção e razão*; *Contadores de histórias da Amazônia ribeirinha*; além de outros e artigos; pesquisa atual sobre a obra de João das Neves e Manoel Ambrósio; atriz e dramaturgista: “Fantasia, ou a cifra da ação possível” (PROAC 2020).

**E-mail:** sperbersuzi@hotmail.com